

PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE A AVALIAÇÃO INTEGRADORA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFC/LUZERNA

Humberto Luis de Cesaro

IFC/LUZERNA, humberto.cesaro@ifc.edu.br

Resumo: O objetivo deste trabalho foi compreender como os/as estudantes do Ensino Médio Integrado do IFC/Luzerna percebem a Avaliação Integradora e a importância que atribuem a sua formação. Para construção dos dados empíricos, foram realizados dois grupos focais com 6 e 9 participantes, respectivamente. O material produzido a partir da transcrição dos dois grupos foi analisado e foi possível perceber que os/as estudantes vinculam a Prova Integradora a uma preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio e não percebem a integração curricular entre as disciplinas do núcleo comum e da formação profissional.

Palavras-Chave: Avaliação Integradora, Percepção discente, Ensino Médio, Avaliação.

1. INTRODUÇÃO

A avaliação ainda é um dos temas mais controversos no processo educativo que acontece nas escolas (TREVISAN; DELAMUTA; LALIN-SOATO, 2017) e os desafios que se propõem à tarefa de avaliar são ainda maiores quando se pensa num currículo integrado. No *Campus Luzerna*, uma das respostas a este desafio foi a inclusão da Avaliação Integradora em seus Projetos Pedagógicos de Curso (PPC), que “consiste em um momento privilegiado de avaliação, quando se poderá aferir até que ponto a integração de conteúdos e conhecimentos foi efetivada pelos professores e foi apreendida pelos estudantes” (INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE/CAMPUS LUZERNA, 2014, p. 27¹). É um momento de “formalizar a integração, já realizada em sala de aula, entre as disciplinas que compõem o núcleo básico e o técnico” (INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE/CAMPUS LUZERNA, 2014, p. 28).

Um segundo objetivo da Avaliação Integradora, expresso também nos PPC, diz respeito à preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), bem como para outros concursos e vestibulares que os/as estudantes venham a realizar. A contribuição da Avaliação Integradora nesta preparação deve-se ao seu formato, integrando conteúdos de diversas disciplinas e exigindo mais habilidades de interpretação e de relação entre os conteúdos aprendidos, pois

O processo seletivo para ingressar em universidades, o vestibular, mudou na última década e hoje favorece muito mais o processo de resolução e análise de situações e problemas cotidianos, em detrimento do acúmulo de conteúdos e da memorização de fórmulas sem

1 O documento citado refere-se tanto ao curso de Ensino Médio Integrado Técnico em Automação Industrial quanto ao curso de Ensino Médio Integrado Técnico em Segurança do Trabalho, pois, em ambos, a avaliação é tratada da mesma forma.

aplicabilidade. (INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE/CAMPUS LUZERNA, 2014, p. 28)

A concretização da Avaliação Integradora se dá através de dois instrumentos: a Prova Integradora, que acontece ao final dos períodos avaliativos iniciais (1º, 2º e 3º bimestres em 2014, 1º e 2º trimestres a partir de 2015) e o Projeto Integrador (ProInt), cuja apresentação acontece no último período avaliativo do ano. Neste texto, o foco será apenas a Prova Integradora.

Ao longo do processo de implementação dos cursos do Ensino Médio Integrado, entre 2014 e 2016, a Avaliação Integradora passou por diversas alterações, todas elas como consequência de discussões docentes. Os/as estudantes pouco acrescentaram a essa discussão, limitando sua expressão a falas pontuais durante os pré-conselhos de classe realizados pelo Núcleo Pedagógico. Falta, e nisso reside a justificativa deste projeto de pesquisa, uma apreciação mais consistente da visão dos/as estudantes sobre a Avaliação Integradora. O objetivo deste projeto de pesquisa foi justamente compreender como os/as estudantes do Ensino Médio Integrado do *Campus Luzerna* percebem a Avaliação Integradora e que importância atribuem a ela em seu processo de formação.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O grupo focal é uma técnica para produção de dados amplamente utilizada na pesquisa qualitativa, algo em torno de 40 mil publicações nos últimos 50 anos (ZAGANELLI et al, 2015). Os primeiros estudos datam de 1926, com o sociólogo Emory Bugardos, mas foi durante a Segunda Guerra Mundial que Merton e Kendall sistematizaram sua aplicação, estudando a reação dos soldados norte-americanos aos filmes de propaganda pró-guerra (ZAGANELLI et al, 2015).

No Brasil, especificamente na área da Educação, o grupo focal tem sido mais usado nos últimos 20 anos (PAIM, 2015). As vantagens desta técnica para a produção dos dados residem, principalmente, em deixar os/as participantes do estudo mais à vontade do que numa entrevista convencional, pois a conversa entre eles/as diminui a tensão e a formalidade de uma entrevista individual (MORGAN, 1988).

Para produzir dados confiáveis e fidedignos, existe uma estrutura de passos a serem seguidos e de cuidados a serem tomados. Optei pelo modelo descrito por Ione Aschidamini e Rosita Saupe (2004) e descrevo a seguir, brevemente, os procedimentos.

2.1 Definição dos participantes: é fundamental para que os dados sejam fidedignos, pois é preciso escolher participantes que sejam capazes de responder à questão de pesquisa. A pesquisa foi apresentada às turmas concluintes em 2016 e 2017 e os/as 15 estudantes que manifestaram interesse em participar fizeram parte de duas sessões. A de 2016 (6 estudantes) foi após a segunda Prova Integradora e a de 2017 (9 estudantes) foi após a primeira Prova Integradora do ano.

2.2 Número de sessões e tempo de duração: a opção foi por apenas uma sessão por se tratar de um tópico bastante específico. A duração não foi estipulada e o final de cada sessão foi determinado pelo critério de saturação, ou seja, o grupo focal foi encerrado quando as informações começaram a ser repetitivas, sem acréscimo de dados novos.

2.3 Atuação do moderador: como se tratavam de grupos de estudantes que já se conheciam há quase três anos quando o grupo focal foi realizado, optei por uma atuação com pouca condução, limitando minha participação ao lançamento de questões chave no início da discussão e quando as interações entre os/as participantes diminuía.

2.4 Elaboração do guia de temas: devido à minha opção por não intervir excessivamente na discussão, o guia de temas incluiu apenas questões bastante gerais, do tipo “O que vocês pensaram na primeira vez que ouviram falar em Prova Integradora?” ou “Como foi a primeira experiência?”

2.5 Análise de dados: as sessões foram transcritas e analisadas de acordo com a metodologia da Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tomada de conhecimento dos/as estudantes acerca da Avaliação Integradora foi distinta em ambos os grupos. A turma que ingressou em 2014 ficou sabendo dela depois de iniciadas as aulas, enquanto a turma de 2015 já soube durante a divulgação do processo seletivo, como é possível perceber nas falas iniciais de duas estudantes: “bom, a primeira vez que eu ouvi falar em integradora, pelo menos, foi na reunião dos pais e eles falaram que o principal objetivo da avaliação era preparar a gente pro ENEM” (Gerusa², GF1);

Antes da gente entrar no IF, eles comentaram alguma coisa sobre o Projeto Integrador, Prova Integradora, que seria quase como uma prova abrangente ao final do trimestre. Eu lembro que eu fiquei preocupada, porque 20% da nota seria uma prova tipo ENEM e que a gente precisaria estudar muito (Cristiana, GF2)

Para a turma de 2015, mesmo sabendo da Prova Integradora, a realização da primeira foi motivo de preocupação. Os/as estudantes relatam ansiedade: “Uma prova com todos os conteúdos e que mistura matérias diferentes numa única questão, como funciona isso?” (Pamela, GF2); nos dias que antecederam a prova e que buscaram informações com a turma de 2014. Sobre os conselhos recebidos, uma unanimidade: “não estudem, senão vocês vão mal” (Ana, GF2) ou “nós fizemos um grupo de estudos para a primeira prova, mas depois achamos melhor não estudar porque era muito conteúdo” (Pamela, GF2).

A opção por não estudar deve-se a dois fatos: primeiro, a quantidade de conteúdos do trimestre; segundo – porém relacionado ao primeiro, a comparação ao ENEM e aos vestibulares. Sobre os conteúdos, afirma João (GF2):

A primeira prova, também, eu lembro que estava todo mundo preocupado, todo mundo estudando e discutindo no grupo³ se precisava estudar mesmo e no fim todo mundo acabou confundindo as coisas por causa de estudar, porque a gente acabou confundindo as coisas.

Sobre o segundo ponto, a preparação para o ENEM perpassa as declarações de ambas as turmas em vários aspectos da Prova. Na questão específica do estudo prévio, os/as estudantes afirmam que é impossível fazer uma preparação para a prova e que ela nem mesmo é desejável: “no ENEM também não dá pra se preparar, é muita coisa pra estudar” (Pamela, GF2). Na fala da Cristiana é possível perceber uma relação que ela estabelece acerca da preparação para ambas as provas:

² Todos os nomes citados no texto são pseudônimos

³ Os/as estudantes da turma de 2015 relatam a formação de um grupo no aplicativo WhatsApp para conversar sobre conteúdos, tirar dúvidas e se preparar para as provas. Era um grupo paralelo ao grupo da turma, mais para diversão, com menos estudantes e era formado basicamente pelo grupo que atualmente está no terceiro ano.

Quando eu fiz o ENEM ano passado, eu achei melhor não estudar nada antes da prova, porque eu não gostei de estudar para a primeira Prova Integradora, não gostei do meu resultado. Acho que é melhor se dedicar durante o trimestre, em cada disciplina e fazer a Prova mais tranquilo, sem se preocupar em estudar na semana [anterior]. (Cristiana, GF2)

Essa associação entre a Prova Integradora e o ENEM é o fio condutor da discussão em ambos os grupos e todos os aspectos da prova são relacionados a ele ou, mais raramente, aos vestibulares. É evidente nas falas de ambos os grupos em relação a qualquer um dos temas questionados durante os grupos focais. Por exemplo, quando o questionamento é sobre o formato da prova e as alterações que ocorreram no período:

Eu me sinto menos desafiada, mas como aluna eu me sinto mais confortável fazendo de Verdadeiro ou Falso, mas eu acredito que a Prova Integradora não prepara pro ENEM nesse formato. Eu acho que se fosse o objetivo principal dela preparar a gente pro ENEM e não fazer conexões de conteúdos, fazer com que a gente faça essa conexão, eu acredito que teria que ser de múltipla escolha (Geruza, GF1)

Eu opinaria mais e votaria a favor de uma prova que abrangesse, no final do ano, a maior quantidade de conteúdos, aí sim que chegasse próximo ao ENEM, mas todo trimestre seria muito maçante e se fosse de assinalar, no caso, múltipla escolha, isso poderia prejudicar bastante os alunos. Por conta disso, foi mudado pra Verdadeiro ou Falso, mas ainda assim poderia ter uma no final do ano abrangendo o conteúdo do ano inteiro pra chegar próximo do ENEM (Sérgio, GF1)

Eu acho que é extremamente válido [a mudança no formato para questões de múltipla escolha e uma questão dissertativa] porque a gente precisa estar acostumado com esse tipo de prova. A gente não vai ter no vestibular uma questão de Verdadeiro ou Falso que a gente consiga acertar 75%. Ou acerta inteira ou erra inteira. (...) No ENEM não vai ter nenhuma questão pra facilitar a nossa vida (Pamela, GF2).

Não se trata apenas de revelar as intenções dos/as estudantes com o prosseguimento dos estudos. As falas deles e delas apontam, também, para fissuras no discurso institucional sobre a importância desta Avaliação. Quando questionados/as se sentiram falta de alguma disciplina na primeira Prova Integradora de 2017, relatam: “Mecânica. Não teve absolutamente nada e o professor declaradamente falou que não ele nem fez questão de incluir uma questão, de se preocupar com isso” (Pamela, GF2) e “Instalações elétricas também não teve” (Marcos, GF2).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ênfase excessiva na preparação para o ENEM em detrimento da integração curricular entre as disciplinas do núcleo comum e do núcleo de formação profissional reflete os interesses dos/as estudantes do Ensino Médio no *Campus Luzerna* em prosseguir os estudos em nível superior e não

em atuar como técnicos em sua área de formação. Mesmo sendo essa uma parte da missão da Rede Federal de Educação Profissional - garantir uma formação geral sólida que permita o prosseguimento dos estudos, superando a antiga dicotomia entre a formação cultural/científica e a preparação para o ingresso imediato no mercado de trabalho -, a falta de relatos sobre a integração curricular aponta para algumas fragilidades na realização da prova.

Uma dessas fragilidades pode residir justamente no próprio corpo docente pois, a julgar pelas falas dos/as estudantes, nem todos/as os/as professores/as do *Campus Luzerna* atribuem importância a este tipo de prova. Por mais importante que seja essa discussão sobre as percepções dos/das professores/as sobre a Avaliação Integradora, ela não cabe aqui e fica como uma sugestão para as próximas pesquisas.

O que cabe salientar sobre a forma como os/as estudantes do Ensino Médio compreendem a Avaliação Integradora é que eles visualizam apenas uma das funções atribuídas a esta Avaliação nos PPPs. Assim, é possível afirmar que a Avaliação Integradora ainda precisa de novas reformulações para que atinja seus objetivos. É importante ressaltar que, em Educação, não existem fórmulas prontas e aceitas universalmente; é preciso investir no estudo das peculiaridades locais e no aprimoramento constante do fazer pedagógico em todas as suas dimensões: a seleção dos conteúdos mais importantes, as formas de trabalhar com este conteúdo para que os/as estudantes se apropriem dele e as formas de avaliar este processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCHIDAMINI, Ione Maria; SAUPE, Rosita. Grupo focal - estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare**, Curitiba, v. 9, n. 1, p.9-14, 1 jan. 2004. Semestral. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1700/1408>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, DISTRITO FEDERAL, 20 dez. 1996.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE/CAMPUS LUZERNA. **Projeto pedagógico do curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Automação Industrial**. Luzerna, SC: 2014.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE/CAMPUS LUZERNA. **Projeto pedagógico do curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Segurança do Trabalho**. Luzerna, SC: 2014.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 208p.

MORGAN, D.L. **Focus groups as qualitative research**. Newbury Park, Sage, 1988.

PAIM, Fernanda Regina Luvison. Grupo focal na pesquisa em educação: as contribuições do projeto "Ler & Educar". **Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos**, S/l, v. 1, n. 1, p.1-7, 10 dez. 2015. Anual.

TREVISAN, Andre Luis; DELAMUTA, Beatriz Haas; LALIN-SOATO, Alessandra Maziero. O que pensam os professores a respeito da avaliação. **Union: Revista Iberoamericana de Educación Matemática**, S/l, v. 49, n. 1, p.61-72, 10 jun. 2012. Semestral.

ZAGANELLI et al. O grupo focal na ciência da informação. **Inf. & Soc: Est.**, João Pessoa, v. 25, n. 3, p.37-47, 15 set. 2015. Quadrimestral.